

**Súmula do Relatório do Grupo de
Trabalho de assessoria técnica à
Comissão Permanente de Prevenção,
Monitorização e Acompanhamento
dos Efeitos da Seca (CPPMAES)**

Março 2026

Direção de Serviços de Estatística | Divisão de
Estatística | Lisboa | 23 de abril de 2026

Avaliação Meteorológica

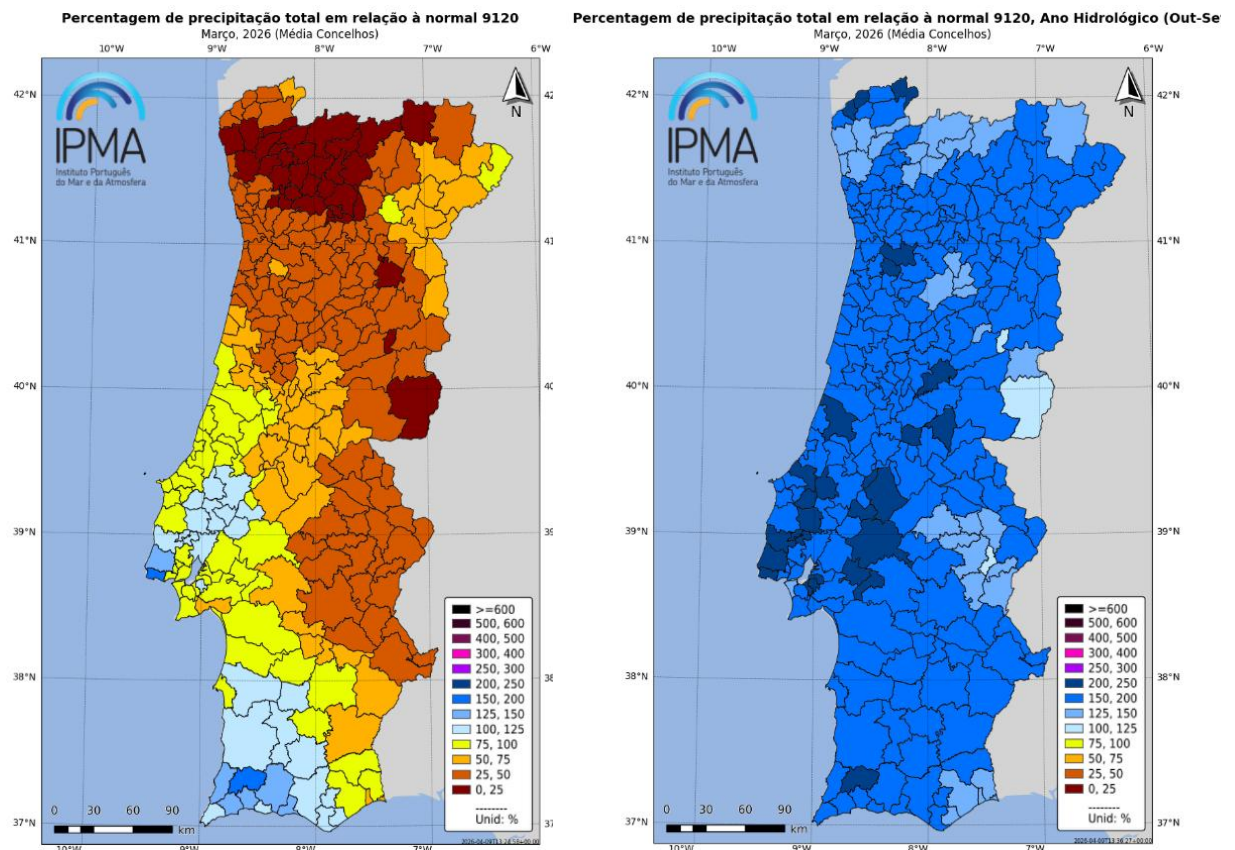
*O mês de março de 2026 em Portugal Continental classificou-se como **quente** em relação à temperatura do ar e **seco** em relação à precipitação.*

➤ **Temperatura**

- O valor médio da temperatura média do ar, 12.99°C;
- O valor médio da temperatura máxima do ar, 18.42°C
- O valor mínimo da temperatura mínima do ar, 7.57°C;
- O mês de março caracterizou-se por valores diários da temperatura média do ar geralmente abaixo do valor médio mensal na primeira quinzena (período frio) e acima até ao final do mês (período quente);
- Entre os dias 30 e 31 de março iniciou-se uma onda de calor, que se prolongou pelos primeiros dias do mês de abril.

➤ **Precipitação**

- O total de precipitação mensal em março foi de 42.1 mm;
- Durante este mês, verificou-se a ocorrência de precipitação, não muito significativa, nos primeiros 15 dias do mês na região Norte e Centro do território e entre os dias 17 e 20 de março, na região Sul, em especial na zona do Barlavento Algarvio, devido à passagem da depressão Therese que originou precipitação e vento por vezes forte nas regiões Centro e Sul, com os valores mais elevados a ocorrerem no dia 19.



Seca Meteorológica

- Em termos de distribuição percentual por classes do índice PDSI no território continental, no final de março verificava-se:
 - 47.6% na classe de chuva severa
 - 50.8% na classe chuva moderada
 - 1.6% na classe chuva fraca

Tabela 1 – Classes do índice PDSI - Percentagem do território afetado entre outubro de 2025 e fevereiro de 2026(Fonte: IPMA)

Classes PDSI	31 Out 2025 (%)	30 Nov 2025 (%)	31 Dez 2025 (%)	31 Jan 2026 (%)	28 Fev 2026 (%)	31 Mar 2026 (%)
Chuva extrema	0.0	0.0	0.0	8.3	75.1	0.0
Chuva severa	0.0	0.0	4.4	61.7	24.5	47.6
Chuva moderada	0.0	12.0	23.5	29.0	0.4	50.8
Chuva fraca	1.2	37.7	45.7	1.0	0.0	1.6
Normal	32.4	29.7	26.4	0.0	0.0	0.0
Seca Fraca	31.8	20.6	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Moderada	27.9	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Severa	6.7	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Seca Extrema	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0

A Figura 2 apresenta-se a distribuição espacial do índice de seca meteorológica PDSI, em termos médios por concelho (PDSI), 28 de fevereiro e a 31 de março de 2026.

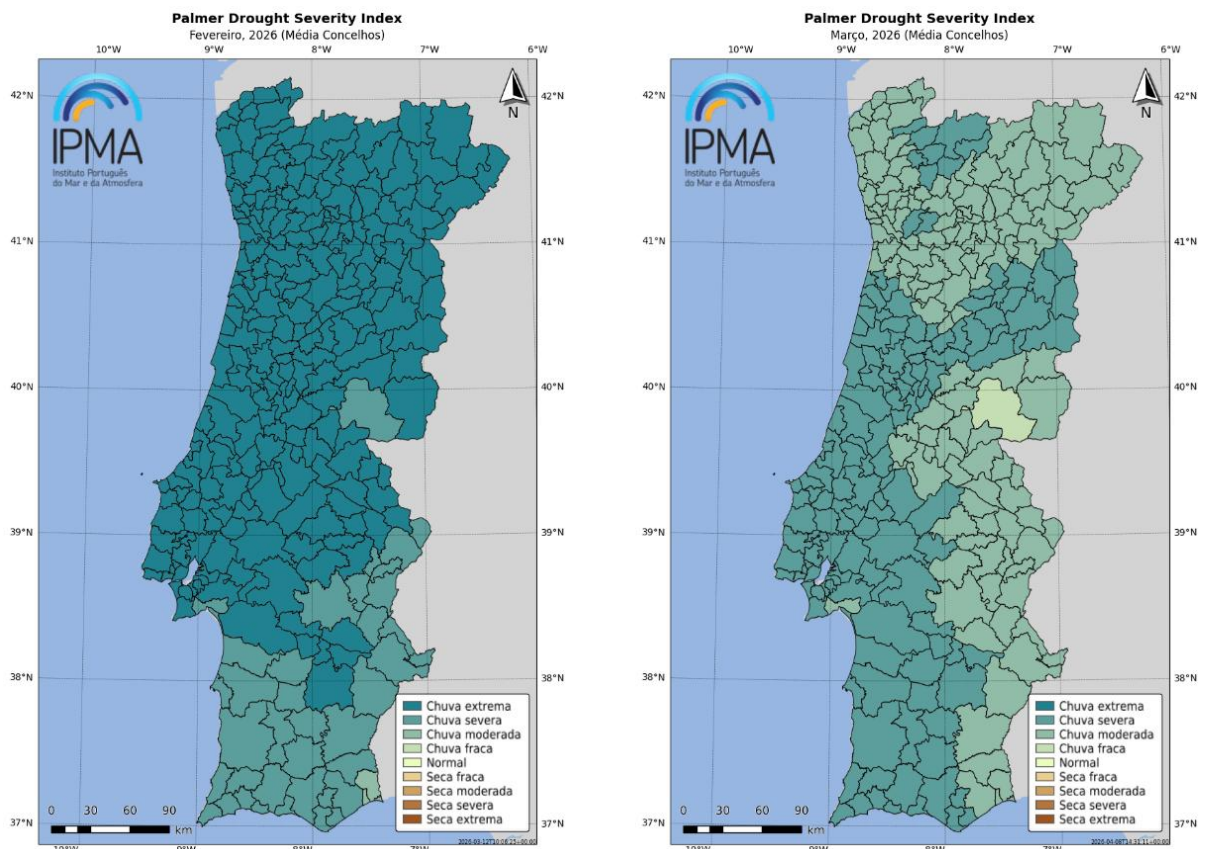


Figura 2 – Distribuição espacial do índice de seca meteorológica (médio concelho) a 28 de fevereiro e a 31 de março de 2026 (Fonte: IPMA)

▪ Níveis de Alerta para a Seca Agrometeorológica

De acordo com a experiência adquirida nas secas anteriores definiram-se no PLANO DE PREVENÇÃO, MONITORIZAÇÃO E CONTINGÊNCIA PARA SITUAÇÕES DE SECA Níveis de Alerta para a Seca Agrometeorológica.

Os dois mais graves são:

Nível A.2 – “Alerta”: Seca Severa

Maior atenção reservada para o setor agrícola de sequeiro e pecuária extensiva onde se deve acompanhar os seus efeitos mais frequentemente, quinzenalmente, através da avaliação do Estado das culturas.

- Índice PDSI: classe de seca severa (-3.00 a -3.99) em 2 meses consecutivos no período de outubro a março.
- Índice SPI 6 meses em seca moderada a severa

Neste nível prevê-se o desencadeamento de medidas restritivas de alguns usos da água e de reforço dos controlos.

Nível A.3 – “Emergência”: Seca Extrema

- Índice PDSI na classe de seca extrema (-4.00 a -4.99)
- Índice SPI 6 meses em seca severa a extrema

Neste nível prevê-se a imposição de medidas restritivas de alguns usos da água. Em caso de evolução negativa poderão ser impostas medidas de carácter excecional.

- De acordo com o **índice PDSI**¹, no final de março continua a não existir seca meteorológica em Portugal Continental (Figura 2), no entanto verifica-se um desagravamento nas classes de chuva, em especial nos concelhos do Norte, interior Centro e interior Sul que estão agora na classe moderada de chuva.

¹ **PDSI** - Palmer Drought Severity Index - Índice que se baseia no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo; permite detetar a ocorrência de períodos de seca e classifica-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema).



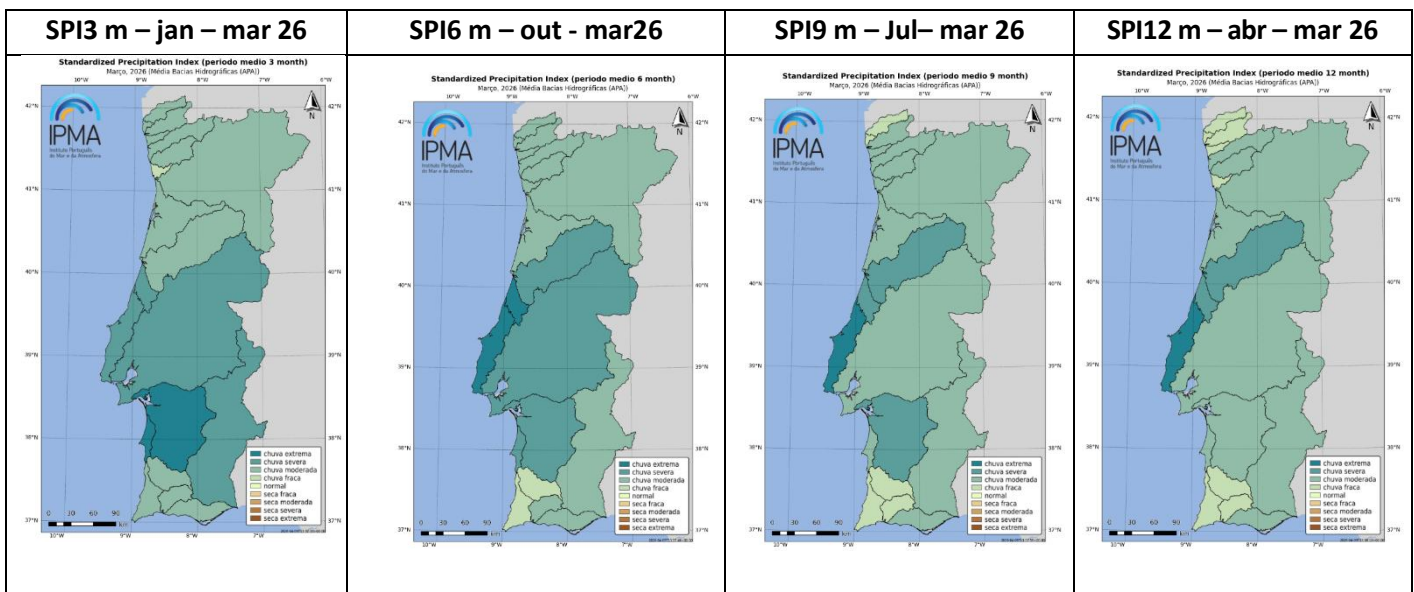
➤ **Índice de seca SPI**

O índice SPI (*Standardized Precipitation Index- Índice padronizado de precipitação*) quantifica o défice ou o excesso de precipitação em diferentes escalas temporais², que refletem o impacto da seca nas diferentes disponibilidades de água.

Na Figura 3 apresenta-se o SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de março para as principais bacias hidrologicas do território (valor médio por bacia).

Devido à precipitação ocorrida nos meses entre novembro e fevereiro, nenhuma bacia se encontra nas classes de seca no final de março, tanto nas escalas mais curtas como nas mais longas, no entanto, como o mês de março foi mais seco do que média, verificou-se uma diminuição da intensidade das classes de chuva.

Figura 3 – Distribuição espacial do índice de seca SPI nas escalas de 3, 6, 9 e 12 meses no final de março 2026 (Fonte: IPMA)



² As menores escalas, até 6 meses, remetem à seca meteorológica e agrícola (défice de precipitação e de humidade no solo, respetivamente), entre os 9 e os 12 meses à seca hidrológica com escassez de água refletida no escoamento superficial e nos reservatórios artificiais. As condições do estado da água no solo respondem a anomalias da precipitação numa escala temporal relativamente curta (3 a 6 meses), enquanto os fluxos de água subterrânea e os reservatórios de água respondem a anomalias de precipitação em escalas temporais mais alargadas (9, 12 meses).

Previsão mensal do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo (ECMWF)³

Segundo a previsão a médio e longo prazo⁴, a interpretação das previsões do Multisistema-C3S e do modelo do Centro Europeu de Previsão a Médio Prazo mostram a seguinte tendência para as próximas semanas:

- **Semana 13/04 a 19/04** – Anomalia negativa: valores abaixo do normal para todo o território (-30 a -10 mm).
- **Semana 20/04 a 26/04** – Anomalia negativa: valores abaixo do normal na região Norte e Centro (-10 a -1 mm).

Tendo em conta a previsão para as próximas semanas, com valores de precipitação inferiores ao normal, é expectável haja uma diminuição das classes de chuva e que nalguns locais possa surgir pontualmente a classe de seca fraca.

³ <http://www.ipma.pt/pt/otempo/prev.longo.prazo/mensal/index.jsp?page=prev-182015.html>

⁴ De referir que as previsões meteorológicas de médio e longo prazo assumem um carácter probabilístico, não podendo, por isso, ser admitidas com elevado grau de rigor determinístico e devendo ser continuamente revistas.

Disponibilidades hídricas armazenadas nas albufeiras

Em 31 de março de 2026, comparativamente ao último dia do mês anterior, registou-se uma descida em oito bacias hidrográficas e uma subida em seis bacias e uma bacia manteve.

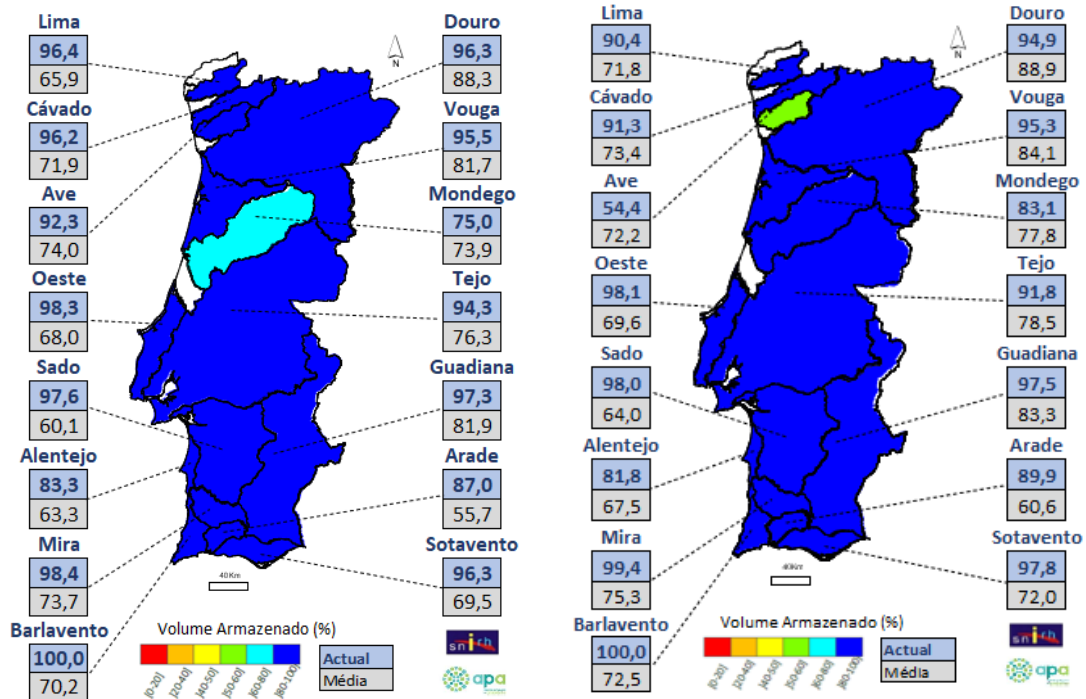


Figura 4 - Situação das albufeiras em fevereiro (esquerda) e em março de 2026 (direita) (Fonte: APA)

Os armazenamentos em 31 de março de 2026 por bacia hidrográfica apresentam-se superiores às médias de armazenamento de referência para o mês de março (1990/91 a 2023/24), com exceção da bacia hidrográfica do Ave.

Na figura 5 é possível observar que as bacias hidrográficas estão acima dos valores observados em março de 2025, com exceção, nas bacias do Ave, do Vouga, do Mondego e do Tejo. Esta situação deveu-se ao facto de as barragens estarem a efetuar descargas para ganhar capacidade de encaixe, por precaução.

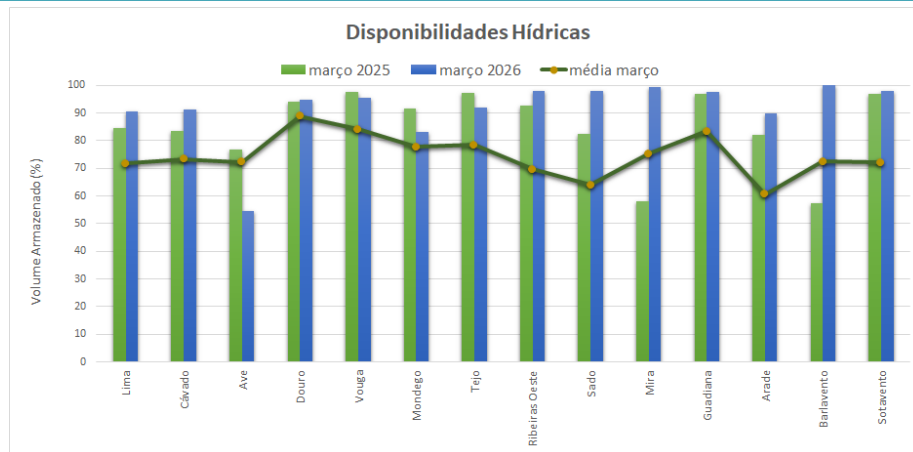


Figura 5- Situação das albufeiras em fevereiro (esquerda) e em março de 2026 (direita) (Fonte: APA)

Das 79 albufeiras monitorizadas em 31 de março de 2026, 74 apresentam disponibilidades hídricas superiores a 80% do volume total e não há nenhuma albufeira que apresente disponibilidades hídricas inferiores a 40% do volume total.

Águas Subterrâneas

No respeitante à evolução das reservas hídricas subterrâneas apresentam-se, seguidamente, os mapas de evolução dos níveis piezométricos correspondentes aos meses de fevereiro e janeiro do ano hidrológico 2025-2026, figura 6.

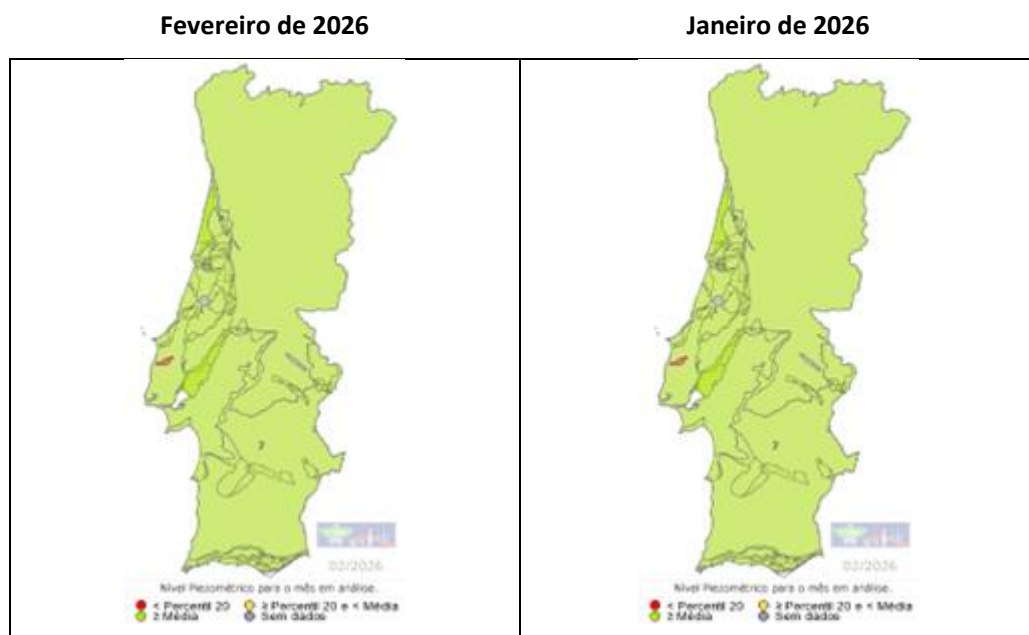


Figura 6- Evolução das reservas hídricas subterrâneas entre fevereiro 2026 (esquerda) e janeiro de 2026 (direita) (Fonte: APA)

Da análise dos mapas, e comparando o mês atual com o anterior, verifica-se que a maior parte do país apresenta uma melhoria significativa nos níveis de água subterrânea, com praticamente todas elas a apresentarem estes acima da média.

➤ **Apreciação Geral**

Atendendo aos eventos pluviosos ocorridos ao longo do passado ano hidrológico e no corrente, verifica-se que as massas de água em situação crítica ou em vigilância, na sua generalidade, registam alguns indícios de recuperação, persistindo, ainda, alguns níveis baixos. Face à situação excecional que ocorreu durante o mês de janeiro e de fevereiro, extremamente chuvosos, é necessário ter cautela, pois as massas de água subterrâneas demoram tempo a responder à precipitação e à consequente recarga.

De referir que as situações que merecem maior foco de atenção se mantêm nas massas de água Bacia do Tejo-Sado /Margem Esquerda, Moura-Ficalho e em algumas da região do Algarve, que se encontram em situação crítica, devendo permanecer assim até que ocorra uma consolidação da recarga, atendendo a que os níveis de água subterrânea permanecem, ainda baixos, não obstante haver alguma recuperação.

A APA, I.P., enquanto Autoridade Nacional da Água, deve promover uma utilização sustentável de água, baseada numa proteção a longo prazo dos recursos hídricos disponíveis, conforme os termos previstos na alínea b) do n.º 1 do artigo 1.º, nos artigos 7.º e 8.º e na alínea b) do n.º 1 do artigo 63.º da Lei n.º 58/2005, de 29 de dezembro (Lei da Água), na sua redação atual.

Nesse sentido, mantêm-se as restrições de atribuição de novas captações subterrâneas nas massas de água em situação crítica, até que se verifique uma recuperação efetiva dos níveis de água subterrânea.

Reservas de Água nas Albufeiras e Aproveitamento Hidroagrícola

➤ **Armazenamentos nas Albufeiras hidroagrícolas**

Neste mês verificou-se uma tendência de subida na evolução dos volumes armazenados nas albufeiras, havendo 19 a subir, 12 a descer e 33 sem alteração, parte destas últimas na sua capacidade total.

A norte de Portugal (que inclui a bacia hidrográfica do Tejo), as albufeiras tiveram uma variação do volume armazenado entre -4,6% (Marechal Carmona) e 8,5% (Aguieira). A sul de Portugal existiu uma variação do volume compreendida entre -1,2% (Caia) e 6,1% (Pego do Altar).



A entidade gestora da Barragem de Burgães não comunicou dados e a análise estatística não a contempla.

No final do mês, nenhuma das albufeiras hidroagrícolas tinha armazenamentos inferiores à metade da sua capacidade total, valor que não evidencia a existência de problemas de disponibilidades hídricas em algumas regiões de Portugal continental (figura 6), designadamente nas bacias do Sado, Mira e baixo Guadiana.

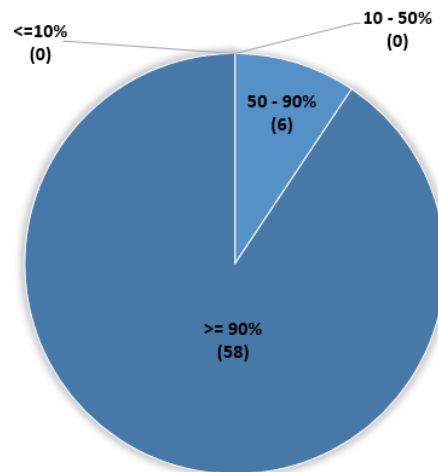


Figura 7- Distribuição do volume total armazenado nas albufeiras hidroagrícolas à data deste relatório (Fonte: DGADR)

Para mais detalhe ver o boletim de Reservas Hídricas e Regadio:

<https://sir.dqadr.gov.pt/outras/reserva-de-aqua-nas-albufeiras>

Neste mês, não existem albufeiras com reservas de água para a agricultura esgotadas (nível de contingência 3) nem com restrições significativas (nível de contingência 2 e 1), num total de 64 albufeiras avaliadas.

Independentemente dos volumes úteis atualmente disponíveis, será sempre necessário realizar uma gestão criteriosa dos recursos hídricos (bem escasso e finito), sendo o desafio mais exigente nos aproveitamentos com mais do que uma utilização principal.

Neste contexto, estão aos aproveitamentos do Azibo, Cova da Beira, Caia, Vigia, Roxo, Campilhas e Alto Sado, Mira, Odeleite-Beliche, EFMA e Agueira.



Agricultura e Pecuária

➤ Sementeiras de cereais praganosos

Comparativamente ao mesmo período do ano anterior, verificou-se um atraso geral no ciclo vegetativo, e perspetiva-se um menor potencial produtivo nos cereais praganosos, podendo ser recuperado se as temperaturas aumentarem e reduzir a humidade excessiva no solo.

➤ Prados, pastagens permanentes e forragens:

As condições meteorológicas permitiram a recuperação significativa do desenvolvimento das forragens e das pastagens. Foi notório um aumento acentuado da produção de matéria verde (embora com um crescimento reduzido, face ao ano passado), permitindo uma normalização das condições de acesso ao pasto.

Nas forragens anuais semeadas em outubro e novembro, de azevém ou consociações, já foi possível proceder-se ao primeiro corte, prevendo-se a possibilidade de dois cortes. Nas sementeiras realizadas mais tarde estima-se apenas um corte.

➤ Culturas de Primavera/Verão

- **Batata**

As condições climáticas levaram ao encharcamento dos solos e condicionaram de forma significativa o início da campanha da batata, tanto de sequeiro como de regadio, levando a atrasos na sua instalação. Assim, um pouco por todo o país, as sementeiras que em anos normais estariam praticamente concluídas, decorrem de forma lenta e irregular, pois os agricultores aguardam pela drenagem dos solos, antes de realizar as diferentes operações culturais que antecipam a plantação.

No geral, prevê-se que a área semeada seja inferior à da campanha anterior.

➤ Culturas arbóreas e arbustivas

- **Pomóideas**

No Oeste, as pomóideas apresentavam uma antecipação do ciclo cultural de cerca de uma semana e meia, comparando com um ano normal. Nomeadamente, na pera Rocha, observou-se uma boa floração. (Nota importante para estas culturas, o excesso de água a que os pomares ficaram expostos durante um período longo, poderá interferir na qualidade das flores e conseqüentemente na taxa de vingamento de frutos). Apesar de se observar uma boa produção de flores, no final do mês ainda não era possível avaliar o nível de vingamento.



- **Prunoídeas**

A maioria das variedades já se encontravam em plena floração e vingamento, e embora ainda não fosse possível avaliar a taxa de vingamento, estima-se que venha a ser boa se as temperaturas se mantiverem propícias.

- **Pomares de Citrinos**

Na região do Algarve, as colheitas dos citrinos continuam a um ritmo ligeiramente inferiores ao ano passado. Verificou-se que as variedades de laranja de meia estação foram as mais afetadas pelas intempéries do primeiro trimestre, quer por queda direta de frutos, quer por roçamentos e podridões subsequentes. Nas tangerinas observou-se uma produção elevada, mas com frutos de calibre médio a baixo.

No geral, a estimativa de produção para os citrinos para a campanha 2025/26, mantém-se ligeiramente inferior à média anual.

➤ **Abeberamento do gado:**

No mês de março, o abeberamento animal foi realizado sem qualquer restrição.

